



CINEMA

O realizador fala-nos de "Sacro GRA", um dos cumes do Lisbon & Estoril Film Festival

GIANFRANCO ROSI

"PONHO SEMPRE O ESPECTADOR A TRABALHAR, É POR ISSO QUE, NA AMÉRICA, NÃO GOSTAM DOS MEUS FILMES"

Entrevista Jorge Leitão Ramos, em Veneza

Três anos após ter vencido o DocLisboa com "El Sicario, Room 164", o grande documentarista italiano Gianfranco Rosi regressa a Portugal. O Lisbon & Estoril Film Festival 2013 apresenta uma retrospectiva integral da sua obra, culminando com a estreia de "Sacro GRA", o documentário com que, em setembro, fez história no Festival de Veneza: foi o primeiro documentário a ser laureado com o Leão de Ouro, desde sempre — e com claríssimo mérito. Em Veneza o encontramos para esta entrevista, num dia em que ninguém supunha que o filme fosse figurar no palmarés.

Não é comum um documentário com a estrada circular de uma grande cidade. Como é que partiu para ele? E nem é um filme sobre tráfego, é sobre espaço. O espaço em torno do Grande Raccordo Anulare, de Roma, uma autoestrada com 68 km e um movimento constante muito intenso onde todos os habitantes da cidade de uma maneira ou de outra passam. Quando foi construída ficava em pleno campo, só que entre tanto a cidade cresceu. O arquiteto Nicolò Bassetti começou, há uns anos, por se interessar por aquele território e desafiou-me para fazer um filme. A princípio, a ideia era fazer um filme sobre o próprio GRA, mas depois comecei a investigar o espaço em torno, a descobrir que aquilo era um ponto de partida para uma cidade

de que se expandia para se transformar noutra coisa... **Houve momentos do filme em que pensei em "Roma de Fellini"...** ...mas também não me apeteceu fazer um filme sobre a cidade. O espaço, todavia, pareceu-me gigantesco, impossível de abarcar e decidi que o círculo se devia transformar numa reta, numa linha onde podia suspender as histórias, passar a outra, voltar atrás. Quis que fosse um lugar hipotético, suspenso pela cidade, um lugar mental.

Como é que descobriu aquelas pessoas que toma como protagonistas? Nicolò indicou-me as primeiras, e umas foram-me sugerindo outras, de maneira que me encontrei com centenas de pessoas.

Mas foi batendo a portas? Em alguns casos, sim, gostava de uma casa, entrava, dizia que estava a preparar um filme, falava com as pessoas. Foi assim que descobri aquele edifício onde os moradores dizem que têm uma vista magnífica sobre Roma...

...que o filme não mostra. Eles dizem isso, nós queremos ver, mas não há contracampo. Deixo isso à imaginação do espectador. Essa é uma das características do meu cinema em geral e de "Sacro GRA" em particular, há coisas que temos de imaginar, a partir do que o filme diz. Ponho sempre o espectador a trabalhar, é por isso que, na América, não gostam dos meus filmes.

Com as figuras humanas, é o mesmo, nunca se explica quem é cada uma daquelas pessoas, elas entram, começam a falar, nós entramos nas histórias, mas não há uma cabal identificação... Esse foi o grande desafio do filme, nunca explicar. Fechar portas em vez de as abrir. A realidade está lá, eu aproximamo-me, cada vez mais perto, limito o espaço, não situo — e deixo que as pessoas imaginem o resto.

No filme há personagens espantosas, como aquele estranho príncipe. Quem é ele, um verdadeiro príncipe? É um verdadeiro príncipe, mas é um príncipe novo, o título só lhe foi dado no pós-guerra. E construiu aquele castelo falso onde mora, com um espaço imaginário que eu adorei quando vi. É um conto de fadas dentro de outro conto de fadas. Parece-se com o Robert De Niro, é um *gentleman* e cuida daquela casa, aluga quartos em regime de *bed & breakfast*. Eu próprio lá vivi durante seis meses, queria estar perto do sítio das filmagens e estava a divorciar-me ao mesmo tempo.

Quem é aquele homem de longas barbas brancas? É o Paolo, um nobre arruinado de Turim. É extremamente sofisticado...

...e vive quase na miséria... ...mas não sabemos porquê. Não interessa. Para mim fazer cinema é uma questão de subtração. Temos demasiada informação nos dias de hoje.



Quer que o espectador se intrigue... ..e construa o resto das histórias.

Mas isso é ficção, não é documentário... Não me interessa. O que lá está é documental, mas quero que haja uma transformação desse material noutra coisa, transmutar a vida quotidiana em drama. Quero que o espectador construa uma ficção na sua cabeça, que cada um faça a sua própria história. Não me interessa explicar as coisas, quero que as coisas estejam abertas para que o universo de cada espectador as abarque.

Portanto, no fundo, escolhe não controlar o significado último dos filmes que faz? Sim... e não explicar porque é que aquelas pessoas e não outras estão no filme. O meu caminho é mais pelas emoções, porque aquelas histórias têm sempre emoção.

E algumas surpreendentes. Por exemplo, o socorrista da ambulância, durante quase todo o tempo leva-nos a pensar que está no filme porque salva vidas nos acidentes que acontecem no GRA. Mas, no fim, ele está no filme por causa da mãe, é a história da mãe que mais importa. Cada história tem o seu *click*. O pescador tem um discurso de protesto e nacionalista, acha que não há nada tão bom como a Itália, mas no fim, vai com a mulher ucraniana que lhe diz que na Ucrânia também é bom — e tudo fica relativizado. São os pequenos ajustamentos das vidas...

Nunca fez ficção, nunca lhe apeteceu? Não. Gosto do processo do cinema documental, gosto de trabalhar assim, com uma equipa de filmagens de um homem só...

“Sacro GRA” foi feito por si, sozinho? Sozinho, completamente, som, câmara, tudo.

Deve demorar imenso tempo... Para “Sacro GRA”, dois anos, foram dois anos de trabalho.

Um das coisas notáveis deste filme é que jamais sentimos que a presença da câmara esteja a influenciar a realidade. Como é que consegue isso? Pela intimidade que vou ganhando com as pessoas antes de filmar, de maneira que, quando filmo, já não parece uma intrusão.

Mas filma muito mais do que está no filme? Muito mais, não. Por exemplo, o que filmei com o homem que explica a doença das palmeiras está lá praticamente tudo.

Quando filma, prepara o que eles vão dizer, sabe o que vai acontecer? Estou a lembrar-me dos longos diálogos entre Paolo, o velho das barbas, e a filha, filmados a partir do exterior da janela do quarto, sabe o que eles vão dizer? Não, nunca. Eles dizem o que querem e eu filmo. Às vezes, provoco um pouco o que vai acontecer. Na cena noturna com Paolo, pedi-lhe que falasse com a filha sobre as preocupações que sabia que ele tinha quanto ao futuro dela. No caso do pescador, dei-lhe o artigo de jornal a ler e pedi um comentário, mas não fazia ideia do que iria dizer.

Sei que, mesmo antes de ser apresentado no Festival de Veneza, o filme já tinha um distribuidor para estreia em sala. Em Itália é fácil estrear em sala? É muito, muito raro. Mas o distribuidor acreditou no filme e resolveu apostar. **Mas “Sacro GRA” foi pensado para ser divulgado onde, na televisão?** Eu penso sempre em grande, penso sempre na sala de cinema. Os meus filmes são sempre feitos para um grande ecrã. Se o virmos num ecrã de televisão perde-se imensa informação.

Não é sensível ao facto de muita gente, sobretudo jovem, ver filmes em ecrãs pequenos, às vezes muito pequenos? Sei disso, mas não quero saber. Não faço filmes em formato de bolso. **A**



A realidade está lá, eu aproximo-me, limito o espaço, não situo — e deixo que as pessoas imaginem o resto



GIANFRANCO ROSI